

GÊNEROS MIDIÁTICOS EM FOCO: ANALISANDO A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA DO PROGRAMA TELEVISIVO *CONEXÕES URBANAS*

Ana Cecília Almeida ACCETTURI
Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes

Resumo: Este artigo tem por objetivo descrever aspectos textuais-discursivos do programa *Conexões Urbanas* em diferentes situações comunicativas. A intenção é a de contribuir para a compreensão de como tal programa é estruturado por princípios etnográficos, o que o enquadra em um programa alternativo em relação aos produzidos na grande mídia. Nosso estudo teve como objetivo analisar especificamente a organização tópica do programa, além de observar o papel do corte das perguntas presentes na superfície de seu texto e, ainda, analisar algumas de suas características genéricas. Percebemos que o programa estrutura-se e divide-se entre os especialistas e os não especialistas. Descobrimos que tematicamente o programa evidencia-se como uma forma de denúncia social, tratando de temas complexos a partir da vasta rede de posições discursivas.

Palavras-Chave: Sociolinguística; análise do discurso; texto; programa televisivo.

INTRODUÇÃO

Veiculado atualmente pelo canal Multishow, abordando temas como tecnologia social, sustentabilidade, cidadania e paz, o *Conexões Urbanas*, a nosso ver, mostra-se como um programa alternativo aos outros produzidos na grande mídia, pois tem um enfoque etnográfico, sobretudo sobre a realidade urbana, o que permite a realização de matérias que tematizam formas de sociabilidade e processos sociais básicos nas mais diversas dimensões da sociedade urbana.

Nosso estudo teve por objetivo principal verificar aspectos textuais-discursivos do programa *Conexões Urbanas* em diferentes situações comunicativas. Além disso, propusemo-nos a descrever a organização tópica do programa já mencionado a partir da análise das falas dos participantes, a analisar o papel da edição das perguntas realizadas durante sua exibição e também a analisar algumas de suas características genéricas. Assim, no decorrer de nossas análises, as seguintes atividades foram realizadas: transcrição de mais oito programas *Conexões Urbanas*, um levantamento bibliográfico mais voltado para o conceito de tópico discursivo, e também uma pesquisa aos arquivos do NEVUSP – Núcleo de Violências da USP, relacionando nosso tema aos textos que lá estão presentes. Fizemos ainda as análises tópicas do primeiro episódio da primeira temporada, *Violência e Prevenção*, de outubro de 2008.

Em seguida, mais ao fim de nosso projeto, e que vamos expor aqui neste artigo, nos concentramos mais em estudar e analisar como se deu a aparição do par dialógico *pergunta-resposta* (P-R) nos nove programas escolhidos e também a fazer uma seleção mais cuidadosa e detalhada de bibliografias acerca desse assunto. Dessa forma, textos de Luiz Antônio da Silva (2006), Fávero; Andrade *et al.* (2006) mostraram-se fundamentais para o desenvolvimento de nosso trabalho, assim como artigos de Brait (1997), Bonini (2005) e Ribeiro (2009).

RESULTADOS DAS ANÁLISES

Inicialmente, optamos por fazer a marcação dos atores sociais presentes em cada um dos nove programas estudados. Nossa ideia foi, portanto, a de organizar o “quem fala” em cada uma das três temporadas analisadas, considerando, para isso, os especialistas e os não especialistas. Para isso, optamos pela criação de três tabelas ilustrativas.

Violência e Prevenção		Liberta Moda		Empreendedorismo	
Especialistas	Não especialistas	Especialistas	Não especialistas	Especialistas	Não especialistas
Administrador	Bandido	Diretora de penitenciária	08 reeducandos	Coordenador do grupo Novos Líderes	Cantora e apresentadora de TV
Pedagoga	02 sequestradores	Professora		Diretor da Furacão 2000	02 MCs
Sociólogo	Traficante			Deputada Federal	DJ
Ativista	Detenta				
Inspetor de Polícia	Ex-bandido e atual mediador de conflitos				
Deputado Estadual RJ	Ex-detenta				
Coordenador de projeto	Viciada				
Coordenador de cooperativa	Estudante (atual parceiro do AfroReggae)				

Coordenador do grupo Novos Líderes					
Investidor					
Deputada Federal					

Tabela 1: atores sociais da primeira temporada

Conflitos I – Polícia		Circo Social		Pirataria	
Especialistas	Não especialista	Especialistas	Não especialista	Especialistas	Não especialista
Delegado Polícia Civil RJ (subchefe operacional)	Bandido	Palhaço e coordenador executivo do projeto Crescer & Viver	Aluno	Diretor do <i>Creative Commons Brasil</i>	
Chefe da Polícia Civil RJ		Fundador e coordenador do projeto Crescer & Viver	Acrobata	Executivo da indústria fonográfica	
03 policiais		Gerente Resp. Social Petrobrás		Coordenador TV Roc.	
Piloto policial				Cantora	
Rapper, escritor e cineasta				Delegado repressão crimes contra propriedade imaterial	
				Coord. Relações Gov. AfroReggae	
				Escritor e secretário adjunto de cultura de Nova Iguaçu	
				Diretor da FM O Dia	

Tabela 2: atores sociais da segunda temporada

Bangu I		Saúde e Alegria		Complexo	
Especialistas	Não especialistas	Especialistas	Não especialistas	Especialistas	Não especialistas
Subsecretário de unidades prisionais	09 detentos identificados	02 Coord. Do projeto Saúde e Alegria	Palhaço do circo Mocaronga	Pres. Conselho adm. Santader Brasil	Assistente comercial
Secretário estadual e administrador de penitenciária	07 detentos não identificados	Enfermeira chefe	Artesã tucumarte	Coord. Relações GO. AfroReggae	Criador do Jornal Voz da Comunidade
Prefeito do complexo de Gericinó	04 detentas identificados	Médica interna	Paciente	Pres. Santander Brasil	Morador
Apresentador de TV	Instrutor da Oficina do Pão	Coordenador Telecentro		Pres. Emop (Empresa de obras públicas RJ)	Pres. Associação moradores do Alemão
Diretor Bangu II		Repórter comunitário e coord. Da Rede Mocaronga		Jornalista e sec. Cultura e turismo de Nova Iguaçu	
Professora de inglês					
Diretora de Presídio (Talavera Bruce)					
Diretor de Unidade Penitenciária					
Subdiretor da Penitenciária Esmeraldino Bandeira					

Tabela 3: atores sociais da terceira temporada

Foi possível observar que alguns especialistas apareceram em mais de um programa durante as temporadas. Um exemplo é o de uma deputada federal que apareceu tanto em *Violência e Prevenção* quanto em *Empreendedorismo*, ambos na primeira temporada. Outro exemplo é o do secretário de Cultura e Turismo de Nova Iguaçu, que apareceu no programa *Piratária*, da segunda temporada e também no *Complexo*, da terceira temporada. Observamos, sempre, a maior quantidade e diversidade de aparições dos especialistas em todos os programas. Um programa que merece destaque aqui é justamente o *Piratária*, pelo fato de não apresentar nenhum não especialista. O ar de debate dado a essa interação explica o fato. Assim, como era de se esperar, nenhum não especialista apareceu duas vezes, já que apresentam e representam as visões do ambiente em que estão inseridos.

A fim de estudarmos mais a fundo a organização textual discursiva do programa *Conexões Urbanas*, atentamo-nos a observar o funcionamento das perguntas e respostas presentes em cada um dos nove programas escolhidos para análise. Dessa forma, pelo programa ter a estrutura de entrevista, é impossível que ele não se organize a partir do par dialógico *pergunta-resposta*. Segundo Silva (2006) temos que

É impossível imaginar uma conversação em que não haja a presença desse par mínimo. As perguntas são uma das formas mais claras de fazer com que um interlocutor responda adequadamente em termos conversacionais, pois instaura a obrigatoriedade da participação do interlocutor. A sequência P-R não tem somente a função de coordenar os turnos, mas também apresenta propósitos e funções específicos. (...) Dessa forma, o par P-R ajuda a coordenar a fala por meio de uma série de obrigações recíprocas e pode apresentar variados propósitos na conversação: servir como abertura de uma conversação; iniciar, manter ou mudar o tópico; fechar a conversação. (SILVA, 2006, p.263).

Como já sabíamos, o programa caracteriza-se por ser de denúncia social, porém descobrimos que ele também se assemelha com o que ocorre em um ambiente de sala de aula, pois percebemos que o *Conexões Urbanas* também possui caráter pedagógico, já que o mesmo tem vontade de explicar para o público tudo o que acontece em um determinado contexto e situação comunicativa. Temos, portanto, o apresentador José Junior (doravante JJ) como o responsável pela mediação em cada uma dessas situações, ou seja, é ele quem organiza cada situação, institui um canal de comunicação com seus interlocutores e também tem a finalidade de obter informações dos entrevistados, além de verificar o grau de compreensão do tema em discussão.

Pudemos perceber, portanto, ao longo da análise dos programas, a constante aparição de perguntas e respostas principalmente da parte do apresentador JJ como também, em alguns momentos, dos participantes. A fim de contá-las para um melhor estudo, baseamos-nos na tipologia criada por Lima (2005) quando a autora estudou a interação entre professor e alunos e o par dialógico presente nesse contato. Com algumas modificações, chegamos a nossa própria tipologia, categorizando cada uma das perguntas presentes nos programas. São elas:

I) Perguntas de conteúdo: o apresentador tem consciência de sua função de organizar a interação e a discussão nas situações comunicativas. A finalidade é a de obter informações do entrevistado.

Exemplo 1 (trecho do programa *Violência e Prevenção*):

151 JJ qual a faixa etária dos jovens que estão envolvidos com a criminalidade aqui em Fortaleza?
152 PZ hoje (est) tá me/menór(r) né?... (es) tá:: hoje com onze anos já tem moleque envolvido devido
153 o craque

II) Perguntas “gatilho”: perguntas que estimulam o participante (interlocutor) a dar contribuições para o desenvolvimento do tópico discursivo.

Exemplo 2 (trecho do programa *Complexo*):

214 JJ mas qual era o nome do Alemão antes de se chamá(r) Alemão?
215 RL Serra da Misericórdia porque o Complexo do Alemão é um fragmento de mata
216 atlântica dentro do coração de uma puta metrópole... ((aparecem cenas do morro))
217 então era a Serra da Misericórdia que foi habitada por esses holandeses

III) Perguntas retóricas: o participante faz uso de perguntas cujas respostas ele próprio enuncia. Ele não quer que os interlocutores respondam, é um recurso de expressividade, ou seja, é possível perceber pela entonação do falante. Além disso, ao contrário das outras perguntas, estas são dirigidas ao público telespectador, e não aos entrevistados.

Exemplo 3 (trecho do programa *Conflitos I - Polícia*):

1 JJ você lê no jornal que a violência (es) tá cada vez pior... será que essa é toda a
2 RL verdade? ((corte de cena: JJ aparece em um helicóptero)) é porisso que a segunda
3 temporada do Conexões Urbanas vai mostrar os dois lados de uma tragédia carioca
4 ... são dois programas... ((corte de cena, JJ está na rua e no fundo da cena há alguns
5 policiais)) um com a visão da polícia ((corte de cena))

IV) Perguntas de confirmação: fazem parte do formato sim/não. A finalidade é a de verificar se a compreensão está ou não correta.

Exemplo 4 (trecho do programa *Circo Social*):

60 JJ agora... vocês dois imaginavam... que num curto espaço de tempo... o Crescer e
61 Viver... seria... um dos protagonistas dessa rede de Circo Social?
62 VD eu pelo menos num::... num imaginava que::... a gente estaria aqui embaixo... de uma
63 lona de circo na Praça Onze... (es) tá(r) envolvido em atores coletivos como... a rede
64 circo... circo de mundo Brasil

V) Perguntas sobre a situação comunicativa em andamento: perguntas que tiveram origem a partir da própria situação comunicativa, a partir de alguma explicação ou resposta.

Exemplo 5 (trecho do programa *Conflitos I - Polícia*):

((Acompanhamento da ação dos policiais nas ruas))

91 ((policiais atentos conversando)) (mint)
92 CO vamo(s) descer? va/vamos(s) descer.. (es) tá bom
93 ((policiais e CO saem do interior do tanque))

Dessa forma, a partir de tais categorias, foi possível computar quantas perguntas de cada tipo apareceram durante os programas estudados. Percebemos que a marcação das perguntas mostrou-se bem peculiar para cada um deles, não havendo relação específica entre cada uma das temporadas. É interessante notar que em algumas situações não há perguntas para o desenvolvimento do tópico, além de que é importante destacar aqui, ainda, que as perguntas de tipo I apareceram, na maioria das vezes, para instaurar o tópico da situação comunicativa, já que o apresentador tem como função organizar o início da interação.

Na primeira temporada, datada do ano de 2008, com os programas *Violência e Prevenção*, *Liberta Moda* e *Empreendedorismo*, obtivemos a predominância das perguntas tipo I, II e IV. Em relação às perguntas tipo II, as “gatilho”, acreditamos que se façam presentes para a manutenção do tópico em andamento, já que, na maioria das vezes, aparecem quase na mesma proporção que as de tipo I, dando continuidade, portanto, ao tema em questão. Damos destaque ao segundo programa, *Liberta Moda*, pois as perguntas de tipo IV apareceram, se comparado aos outros dois programas, em maior quantidade, com 39 ocorrências, seguida da de tipo I, com 20 ocorrências. Acreditamos que pelo apresentador JJ ter a intenção de investigar sobre a rotina e o trabalho desenvolvido pelos detentos na penitenciária a qual esteve, um maior número de perguntas de confirmação se fez necessário, assim como de perguntas que organizassem tal interação entre os participantes. É o que se pode verificar abaixo:

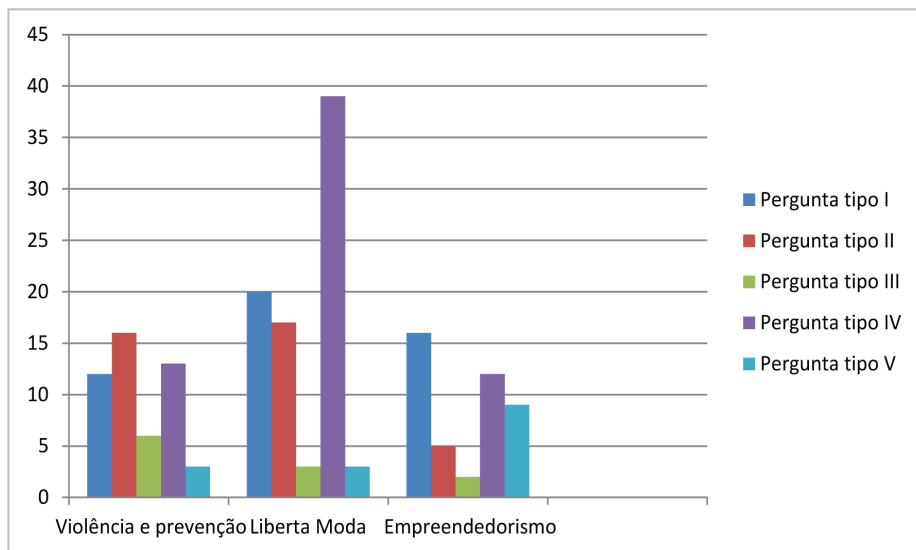


Gráfico 1: ocorrências dos tipos de perguntas nos programas da primeira temporada

Já na segunda temporada, do ano de 2009, todos os programas apresentaram mais perguntas de tipo IV, seguidas, em muitos momentos, das de tipo V. Essas últimas apareceram, principalmente, na fala dos próprios interlocutores, na maioria das vezes para reproduzir a fala de outras pessoas. O programa que mais nos chamou a atenção aqui

foi o *Piratária*, pois este apresenta uma estrutura diferente dos demais. Enquanto JJ vai, geralmente, aos mais diferentes lugares em busca de sujeitos e temas para os programas, aqui todos os participantes estão reunidos em um só lugar, discutindo um tema em comum. Muitas vezes não há perguntas do apresentador para que o tópico seja instaurado. Em *Piratária*, os próprios participantes o estabelecem. Dessa forma, notamos a ocorrência de mais perguntas tipo IV, já que os participantes estão em um debate, e procuram a confirmação ou não de suas ideias e teorias a respeito do assunto em andamento. Tais dados encontram-se abaixo.

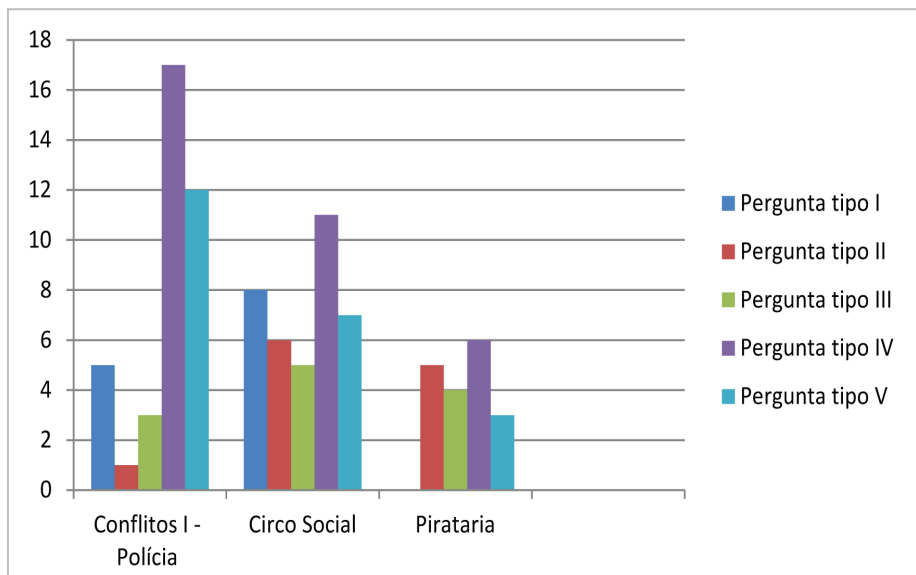


Gráfico 2: ocorrências dos tipos de perguntas nos programas da segunda temporada

Na terceira e última temporada, exibida no ano de 2010, observamos que houve predominância das perguntas tipo II e IV, menos em um dos programas, o qual apresentou mais das perguntas tipo I.

Em *Bangu I*, há tópicos instaurados sem uso de perguntas, tanto por JJ, quanto pelos especialistas, que já começam dando um depoimento sobre a situação em andamento, e JJ apenas os instiga a falar mais sobre isso, com perguntas de tipo II. Destacamos também o fato de haver, sempre em programas que tratam de temas policiais, que retratam o dia-a-dia dos presídios e de comunidades (já analisados na primeira temporada, principalmente, como *Violência e Prevenção* e *Liberta moda*) a maior ocorrência de perguntas tipo V. Para programas com essa estrutura, é de fundamental importância que haja perguntas de verificação, até mesmo para informar melhor o público sobre o que ocorre em tais situações. Além disso, vemos aqui claramente JJ na posição de aprendiz. Tais dados encontram-se no gráfico abaixo:

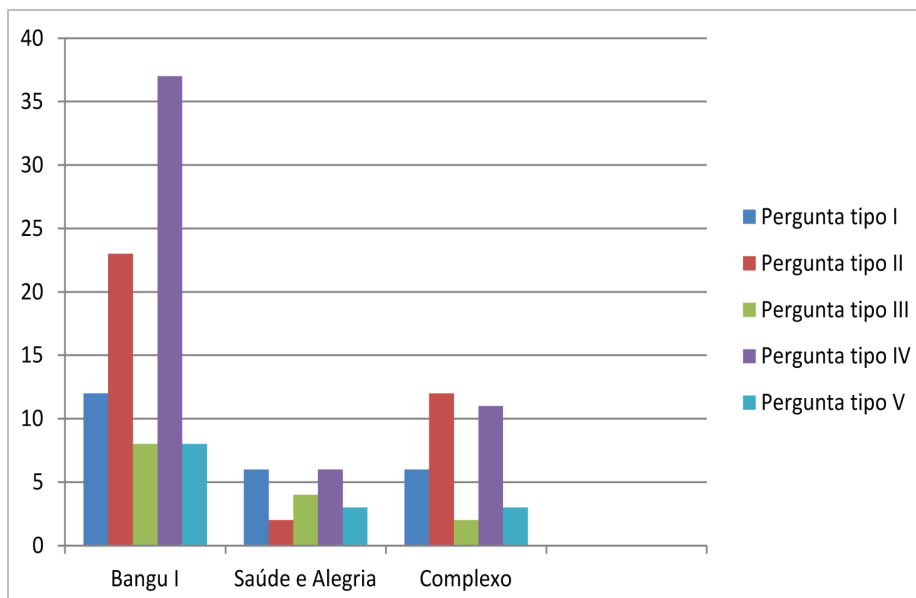


Gráfico 3: ocorrências dos tipos de perguntas nos programas da terceira temporada

É possível fazermos uma relação entre o uso do par pergunta-resposta no programa e em sala de aula, já que nesta última a relação P-R é a melhor forma que professor e aluno têm de interagir. Nos programas estudados, o apresentador JJ e os participantes, tanto especialistas quanto não especialistas, falam sobre um determinado tema a partir de tal relação. Marcuschi (2005 *apud* Silva 2006) realizou um estudo sobre aulas expositivas, estabelecendo uma descrição sobre o que ele definiu como “*Aula Ortodoxa*”:

O professor apresenta o tema e o desenvolve, geralmente sem intervenção dos alunos ou com intervenções breves, sempre orientadas para o tópico, assimiladas quando pertinentes ou ignoradas quando fogem do tema. Raros são os desvios do tópico central, tendo-se como roteiro um esquema bastante fixo. Trata-se da preleção clássica em que o professor é o dono do tópico e está ali para ensinar (MARCUSHI, 2005:52-53).

Sendo assim, tanto as aulas quanto os programas analisados, possuem uma estrutura bastante fixa, pois é possível encontrar, ao longo dos mesmos, pedidos de confirmação, de informação e desenvolvimento do tópico, por exemplo. Além disso, é importante ressaltar que os programas sofrem edições e, dessa forma, garantem sua particularidade por meio das edições realizadas. Temos, portanto, JJ apresentando um tema e desenvolvendo-o com seu interlocutor, além de garantir que não haja desvios do tópico em andamento. Além disso, como sabemos, as perguntas, sejam elas quais forem, não são formuladas aleatoriamente, pois possuem objetivos específicos quando são elaboradas.

Dedicamo-nos ainda a investigar o processo de edição do *Conexões Urbanas*. Este alterna a sequência das falas, de modo que ora aparece o depoimento de um especialista e ora aparece depoimento de um não especialista. Há, portanto, a intenção de mostrar os “dois lados” ao mesmo tempo, já que “assim, diferentes contextos e diferentes participantes criam enquadres específicos”, segundo diz Aquino (2005) em seu texto.

O programa, com sua pré-estrutura já definida (introdução feita pelo apresentador, seguida de três blocos com entrevistas), define também a estrutura de suas perguntas. Concordamos com o que Brait (1997:200) defende a respeito da organização interacional, de que participantes de um diálogo “estão de acordo em desenvolver um diálogo informal, num encontro que se define como institucionalizado, na medida em que há objetivos definidos e normas convencionalizadas”. Acreditamos que JJ já possua algumas perguntas prontas, norteadoras do assunto em questão. Estas podem ser as de tipo I, para instaurar o tópico na maioria e das vezes, mas também de tipo IV, já que podem pedir uma confirmação sobre um dado. É interessante notar que, na maioria dos nove programas estudados, os interlocutores poucas vezes respondem esse tipo de pergunta apenas com “sim” ou “não”. Eles discorrem mais sobre o assunto após concordar ou não com ele. Assim, durante a interação, é possível que novas perguntas surjam, e essas são as que nomeamos de “perguntas ‘gatilho’”, as quais estimulam o participante a contribuir com o tópico em andamento.

Dessa forma, acreditamos que as edições feitas pelo programa seguem no mesmo rumo do que afirmou Ribeiro (2009): “adequação a determinado público alvo ou mídia”, de forma a levar a informação da maneira mais clara possível até o telespectador, contribuindo também para explicar tudo o que ocorre naquele determinado contexto. Sendo assim, temos certeza de que o programa caracteriza-se por ser alternativo aos outros produzidos na grande mídia.

Salientamos ainda que, em alguns programas, houve também a ocorrência de sequências dialogais, que, segundo Bonini (2005), ao estudar profundamente o conceito de sequência textual de Jean-Michel Adam, são “poligeradas”, ou seja, são formadas por mais de um interlocutor. Dessa forma, a sequência dialogal caracteriza-se por ser o componente principal da conversação, o gênero textual mais característico da comunicação humana. Podemos dizer que tais sequências, as quais não apresentam conteúdo tópico e, portanto, não funcionam como o par pergunta-resposta, apareceram poucas vezes ao longo dos nove programas analisados (totalizaram apenas quatro ocorrências). É importante destacar que as vezes em que apareceram não foi na abertura do programa, como era de se esperar (já que é mais provável que nesta parte haja cumprimentos ou agradecimentos), mas apareceram inseridas dentro de uma situação comunicativa em andamento. Os trechos estão destacados abaixo.

Exemplo 6: Trecho do programa *Liberta Moda*:

Situação Comunicativa	Entrevista com Cirlene Rocha
Participantes	José Junior = JJ
	Cirlene Rocha = CR

((JJ e CR estão na rádio criada pelos reeducandos, dentro do presídio)).

- 60 JJ tudo bem diretora?
 61 CR tudo::bem
 62 JJ manda um alô pra todo mundo que (es)tá nos ouvin(d)o aqui agora
 63 CR boa TARde reeducandos
 64 JJ ((risos))

Exemplo 7: Trecho do programa *Empreendedorismo*

Situação Comunicativa	Show no Rio de Janeiro
Participantes	Rômulo Costa = RC
	Plateia = PL

- 9 ((cenas no Furquim Mendes, Rio de Janeiro)) ((cenas de um show de funk))
 10 RC boa noite
 11 PL boa noite
 12 RC tudo bem com vocês?
 13 PL tudo::
 14 RC quem (es)tá feliz hoje levanta a mão pro alto
 15 PL ((gritos e aplausos))
 16 RC quem gosta de funk aí?
 17 PL e::u
 18 RC COM VOCÊS FURACÃO 200 TSUNAMI

Exemplo 8: Trecho do programa *Conflitos I – Polícia*

Situação Comunicativa	Delegado Carlos Oliveira canta um rap com MV Bill
Participantes	José Junior = JJ
	Delegado Carlos Oliveira = CO
	Mv Bill = MB

((Delegado Carlos Oliveira canta um rap com MV Bill)).

Exemplo 9: Trecho do programa *Bangu I*

Situação Comunicativa	Entrevista com Detentos
Participantes	José Junior = JJ
	Detento4 = DT4
	Detento5 = DT5

((cena no corredor carcerário do Bangu 3)).

- 140 JJ ô mano e aí...tudo bom?
 141 DT4 suav(e)ão
 142 JJ vamo(s) lá?!

É importante destacarmos ainda a diferença existente entre o programa analisado, *Conexões Urbanas*, com outro programa estudado pelo grupo de pesquisa, o *Manos e Minas*, exibido pela TV Cultura, neste mesmo quesito das sequências dialogais. Este último, por se caracterizar como um programa de auditório, apresenta um número muito

superior de ocorrências. Ele conta com as “saudações elementares habituais”, ou seja, os cumprimentos, agradecimentos e despedidas ao longo do programa. Assim, segundo Mariano (2014), o apresentador de *Manos e Minas* é “responsável pela promoção da interação com a plateia (...), com os telespectadores (...) e também, em outros momentos, com os convidados do palco”. Essas interações já não aparecem, portanto, no *Conexões Urbanas*, o qual realiza-se no próprio local das situações comunicativas e não conta com uma plateia.

CONCLUSÃO

Ao término da realização das análises dos dados obtidos, assim como do projeto como um todo, podemos concluir que nossas hipóteses iniciais se confirmaram. Além de termos certeza de que o programa *Conexões Urbanas* pode ser considerado uma forma de denúncia social, já que foge aos padrões de outros programas da grande mídia, por apresentar princípios etnográficos e por dar voz a dois grandes blocos de atores sociais, os quais chamamos, no decorrer das análises, de especialistas e de não especialistas, também confirmamos a importância que tem o par dialógico Pergunta-Resposta (P-R) em um programa televisivo como esse. Inicialmente, devemos destacar o papel fundamental da interação em cada uma das situações comunicativas estudadas, pois segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006), “a linguagem não é só uma atividade verbal, mas também social (...)”. Com isso, notamos que o apresentador JJ, além de ter a função de organizar a interação e de obter informações de seus entrevistados, também se coloca no papel de mediador das interações, construindo, assim, uma função pedagógica para o referido programa.

Ao analisarmos, então, as perguntas presentes em cada um dos nove programas selecionados, optamos por criar uma nomenclatura, esta baseada em Lima (2005) que definiu os tipos de indagações em cada episódio.

Destacamos também que nos deparamos com perguntas sem conteúdo tópico, as chamadas sequências dialogais. Estas apareceram em menor quantidade, mas se mostraram importantes por aparecerem inseridas dentro de uma situação comunicativa em andamento e, dessa forma, por tornarem a comunicação mais natural. Percebemos, por fim, a grande diferença existente entre o *Conexões Urbanas* e outro programa midiático, o *Manos e Minas*. Este apresenta mais ocorrências das sequências dialogais por ser um programa de auditório, enquanto que aquele conta com menos ocorrências por ser um programa de maior nível informativo.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Z. G. O. (2005). **Diálogos da mídia - o debate televisivo**. In: Dino Preti. (Org.). Diálogos na fala e na escrita. 1 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, v.7, p. 171-194.
- BONINI, A. A. (2005). **noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam**. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, p. 208-236.

- BRAIT, B. (1997). **O processo interacional**. In: PRETI, D. (organizador). (Org.). Análise de textos orais (3 ed.). São Paulo: HUMANITAS/FFLCH/USP, v.1, p. 189-214.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. (2006). **O par dialógico pergunta – resposta**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). Gramática do português culto falado no Brasil. v. I: Construção do Texto Falado. Campinas: Editora da Unicamp, p. 133-166.
- LIMA, S. de O. (2005). **Perguntas e respostas na sala de aula: o que, afinal elas representam na interação?**. In: Cadernos de pesquisa na graduação em Letras, ano I, número 2, p. 103-121.
- MARIANO, R. D. (2014). **Marcadores discursivos e sequências textuais: uma análise das ações de textualização em programas midiáticos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- RIBEIRO, A. E. (2009). **Revisão de textos e “diálogos” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual**. Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 10p.
- SILVA, L. A. (2006). **Perguntas e Respostas: oralidade e interação**. In: PRETI, D. (Org.). Oralidade em diferentes discursos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, p. 261-295.